

José Carlos Gonçalves PEIXOTO, *Pensamento Social e Pedagógico de D. Frei Caetano Brandão*, 173 pp., Braga 1991.

«Veritas odium parit» (16). Em dimensões sóbrias tem mérito o Autor em mexer-nos a memória com uma figura do passado bracarense. O esforço repartido por três capítulos, dá-nos elementos úteis que nos adentram razoavelmente nalguns aspectos significativos da vida e obra de D. Frei Caetano Brandão. Do ensaio histórico consegue o A. fazer emergir uma verdade que não agride, mas que desafia a uma procura mais apurada e, talvez, até mais paciente.

Falar e escrever «bem» de Frei Caetano Brandão não constitui risco de maior. Outros já o tinham feito! Quando as águas não são as primeiras, corre-se o perigo de ser apanhado pela corrente. O A. navega bem; nessa arte nem sempre se furta à tentação de escorregar por paralelismos que, mesmo a título de esclarecimento, desvirtuam parcialmente a economia da intenção social.

Do título indica-se-nos que de história se trata, ressaltando com especial incidência a vertente social e pedagógica de D. Frei Caetano Brandão. A metodologia usada, não se seguiu uma pesquisa histórica rigorosa. O A. surpreende, mas não se deixa surpreender pelos dados históricos que traz a colação; ao saborear subestima a distância crítica. A opção permite-lhe ser pródigo, «ab initio», na adjectivação laudatória da figura histórica visada (13-14). Excede-se quando recorre a pormenores moralizantes (32) sem os fazer preceder dum enquadramento histórico razoável. Não cedeu à tentação de justapor comparações pouco consentâneas com a natureza da obra («percursor da teologia da libertação»). A analogia proposta acaba mais por empobrecer do que enaltecer o passado histórico do arcebispo (39). A terminologia nem sempre é a mais apropriada (seita jansenico-galicana); certa nomenclatura está hoje objectivamente superada pela crítica histórica em geral e, por força maior, pelos historiadores de sensibilidade católica (51).

A «ilustração» atribuída a D. Frei Caetano Brandão, conotando-o com o movimento específico dos séculos XVII e XVIII, presta-se a uma ambiguidade desnecessária. É quase certo que aquele aspecto mediático, como foi compreendido e vivido, não fazia parte do universo ideológico do arcebispo; não é ir longe demais afirmar que o pendor paternalista subjaz quase sempre nas iniciativas sócio-pedagógicas do prelado bracarense.

A simpatia não contradiz necessariamente o espírito crítico. São ferramentas legítimas em trabalhos desta natureza. Se a dialéctica (desses dois elementos) tivesse funcionado, muito gosto teríamos em saber das razões que teriam estado na génese das antipatias provocadas pela solicitude do arcebispo, mormente daquelas que emergiram na área eclesiástica (86).

Globalmente estamos em posse dum trabalho exemplar no esforço e nobre nos propósitos. Da leitura reconhecer-se-á a oportunidade da sua divulgação.

D. Sampaio Barbosa